Relações entre autoconceito e nível de satisfação familiar em adolescentes*

JUSSARÁ GONÇALVES LUMMERTZ**
ÂNGELA MARIA BRASIL BIAGGIO**

1. Introdução; 2. Hipótese; 3. Método; 4. Resultados; 5. Discussão dos resultados; 6. Conclusão.

O objetivo dessa pesquisa foi verificar as relações entre autoconceito e satisfação familiar do adolescente. Os sujeitos foram 50 meninos e 50 meninas, cujas idades variavam entre 13 e 17 anos, todos cursando a 1.ª série do 2.º grau de um colégio público de Porto Alegre. Os instrumentos utilizados foram a escala de autoconceito de Janis-Field, traduzida e adaptada para o português, e validada com amostras de Porto Alegre e Rio de Janeiro. O nível de satisfação familiar foi avaliado por meio de escala elaborada pela primeira autora. Os resultados indicaram correlações altas e estatisticamente significantes entre as duas variáveis (0,81 para meninos, 0,85 para meninas e 0,83 para a amostra total). Os resultados são discutidos em termos do ajustamento do adolescente e seu reflexo em problemas escolares.

1. Introdução

A presente pesquisa teve como objetivo verificar se há correlação positiva entre autoconceito e nível de satisfação familiar em adolescentes.

O autoconceito consiste em um conjunto de atitudes e crenças inter-relacionadas que um indivíduo tem a respeito de si próprio, sendo que estas crenças são um produto de sua interação social, organizadas hierárquica e sistematicamente, de forma que os componentes mais centrais da estrutura são mais resistentes à mudança, mas dada a natureza dinâmica do sistema, mudança em um aspecto pode levar à mudança em outros aspectos. Epstein (1973)

* Artigo apresentado à Redação em 23.10.85.
** Psicólogas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. (Endereço das autoras: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pós-Graduação em Educação — Av. Paulo Gama, s/n.º — 90.040 — Porto Alegre, RS.)

nos diz que a manutenção e o aprimoramento do autoconceito constituem sua força motivadora para muito comportamento social.

Em suas pesquisas, Rogers (1974) indica a qualidade de vida do sujeito, desde o início de seu processo de desenvolvimento, como um dos elementos que influem no autoconceito. Ele observa que, subjacentes à imagem de si, há experiências infantis, inclusive as não-diferenciadas e rudimentarmente simbolizadas. Se houver discrepância entre as experiências do organismo e o autoconceito estruturado pelo sujeito, haverá incongruência de pensamento, atitudes e comportamentos. O reflexo desfavorável das experiências negativas foi enfatizado por Selden (1960), que realizou uma pesquisa com jovens delinqüentes, chegando à conclusão de que o autoconceito dos portadores de desvios de comportamento manifestou-se menos adequado do que dos sujeitos normais.

A vinculação do autoconceito ao sistema de valores capazes de inspirar as metas ideais de ação do eu foi apontada por Rulla (1977), que admite que o autoconceito encerra a imagem real de si e o seu ideal. Se a posição do autor for procedente, o incentivo para constituição de uma hierarquia de valores e de ideais contribuirá para o desenvolvimento pessoal do sujeito e merecerá atenção do orientador educacional na sua atuação. Na opinião de Havighurst (1951), o período em que se processa a consolidação do autoconceito é a adolescência, quando o indivíduo já cumpriu as tarefas que lhe asseguram a autonomia funcional e a estruturação básica do sistema de valores e do sistema ético. Torna-se mais efetivo o desempenho consistente, há condições mais sólidas para aceitação de si e avaliação das próprias possibilidades. O autoconceito firma-se à medida que o indivíduo se conhece e se aceita. O processo de estruturação é complexo, desencadeia crises e conflitos, mas, segundo Erickson, devem ser considerados valores positivos, pois as crises internas e externas contribuem para unificar a pessoa e consolidar o autoconceito. Sua colocação referente ao que ele denomina "mesmidade" parece análoga ao conceito de auto-identidade, pois ele sugere, num primeiro momento, que "mesmidade" é uma sensação ou percepão consciente da identidade pessoal. Num segundo momento, considera-a um esforço consciente de manter as qualidades reconhecidas como características da pessoa. Num terceiro, enfoca-a como o critério empregado, para realizar a síntese do eu. Em última instância, a "mesmidade" seria o elemento que preserva a consistência interna do indivíduo e vincula seus ideais aos do grupo, o qual, em contrapartida, fortalece o autoconceito. A colocação acima parece sugerir que o orientador educacional poderá contribuir para o desenvolvimento da "pessoa plena", em seu orientando, se ajudá-lo a situar-se perante si mesmo, a se autoperceber como indivíduo específico e original e a utilizar os recursos sócio-culturais disponíveis para que, mediante compreensão de si e do ambiente, seu autoconceito se consolide e concorra para a auto-realização. Supõe-se que valores pessoais desenvolvidos aprimoram o autoconceito, pois, segundo Maslow (1954) eles resultam da saúde intrapsíquica, necessária para que o sujeito se desenvolva e se realize. Abelson et alii (1968) e Rosenberg (1957) julgam que o autoconceito se beneficia com o assentimento aos valores que conferem consistência à personalidade, e nisto são secundados por Rokeach, cujas pesquisas evidenciam que o valor influi na dinâmica da personalidade. Um estudo de Wylie (1975) mostra que inconsistências intrapessoais subconscientes que se estabelecem entre ideais e valo-

res de um lado, e o eu atual de outro, provocam ansiedade no sujeito e têm conseqüências mais negativas do que problemas análogos, mas conscientes.

Comb (1962) mostra que, quando o autoconceito do indivíduo corresponde, de fato, ao que ele é, há melhores condições de ele se compreender e de aceitar seu ambiente, o que contribui para o desenvolvimento equilibrado de sua personalidade. Na sua opinião, é tarefa do educador cultivar, no educando, o interesse por experiências que beneficiem a estruturação do autoconceito. Tal posição é reforçada por Rúdio (1975) que, embora admita elementos estruturais inalteráveis no autoconceito, sugere que ele é dinâmico, passível de aprendizagem que, no caso, consiste num processo de transformações ininterruptas e causadoras de mudanças organizacionais no autoconceito. Se o indivíduo tem uma estrutura rígida e resiste às mudanças, o risco de desajustamento será grande.

Segundo a colocação da psicologia humanista, da qual Maslow é um dos representantes, o homem só se torna efetivamente humano quando atinge os níveis profundos de sua realidade e se descobre como pessoa que se encaminha para a dinamização plena de seu potencial. Leonard acrescenta que o ajustamento condiciona a auto-realização. Esta se efetivará se o processo educacional primar por devolver o homem a si mesmo, dando-lhe oportunidade de conscientizar-se e estruturar um autoconceito realista, o que lhe possibilitará enfrentar os desafios existenciais.

O papel importante do autoconhecimento em educação tem sido claramente demonstrado em pesquisas executadas nos últimos vinte anos. Poderia haver pouca dúvida de que o nível de autoconceito do estudante tem relação com seu desempenho escolar. Como tal, é importante que os educadores prestem atenção a este aspecto psicológico crucial de seus alunos. Eventualmente, parece inevitável que programas educacionais venham a focalizar não apenas resultados de aprendizagem, mas também técnicas que elevam e reforçam o autoconceito dos estudantes. Acreditamos que tais programas terão mais sucesso do que tentativas anteriores porque eles não se concentrarão unicamente em técnicas situacionais para aprimorar o processo de aprendizagem, o que é geralmente o foco dos programas educacionais de hoje. Em vez disso, eles enfatizarão também a importância do estado psicológico do aluno como determinante do resultado do programa educacional.

O nível de satisfação familiar do adolescente é também fator importante a ser considerado tanto para o seu desenvolvimento como para o seu desempenho acadêmico, pois, pais com um grau maior de escolaridade têm mais condições de estimular os filhos, uma vez que para eles é mais fácil falar com os mesmos a respeito de suas tarefas escolares. Bravo obteve resultados significativos em sua pesquisa feita sobre a participação de pais mais escolarizados nos trabalhos paraescolares e escolares dos filhos onde concluiu que estes pais participavam mais de reuniões da escola e tinham mais interesse por apoiar e cumprir as instruções do professor e, conseqüentemente, estes adolescentes tinham poucos casos de repetência. Pais que, quando jovens, tinham êxito na escola, são mais acessíveis com os filhos em relação às tarefas escolares e procuram chegar às causas pelas quais o rendimento não foi bom, cooperam para a busca de soluções, incentivam-nos a conseguirem melhores resultados e a aspirarem à universidade, e ainda se sentem gratificados quando

seus filhos trazem conceitos positivos, ou quando não há nenhuma queixa por parte da escola (Ranking, 1967).

A escola, para outras famílias, não é um valor, e por isso desacreditam no trabalho da escola e valorizam mais esportes ou outros entretenimentos das horas vagas. Um ambiente escolar onde o adolescente ouve falar constantemente das próximas férias, ou quando a família se organiza em torno de distrações, e, por exemplo, até se criticam as aulas aos sábados porque estragam o fim de semana, levam o adolescente a sentir que seu trabalho na escola não tem muito sentido. O nível cultural dos pais influi fortemente na adaptação escolar, pois o clima no lar pode ser mais ou menos favorável ao estímulo intelectual ao jovem e ao seu desejo de ampliar seus conhecimentos. O conteúdo apresentado pelos alunos varia de acordo com o nível cultural dos pais. Se este for vasto, o desempenho escolar tende a ter continuidade de família; caso contrário, as informações recebidas na escola poderão até se tornar artificiais, pois não pertencem ao mundo mais restrito do adolescente e sua família. A todo instante, no dia-a-dia do aluno, a sua formação intelectual espelha-se nas atitudes educativas dos pais, que influenciam favorável ou desfavoravelmente as tendências dos filhos. Avancini (1972) diz que, se os pais não freqüentaram o ensino secundário, compreendem com dificuldade o gênero de trabalho que ele exige e têm muitas vezes um conceito inexato das atividades escolares, pensando que estas consistem somente em preencher cadernos: para eles, ler um livro de interesse geral ou um romance equivale a perder tempo.

Pais de jovens de classe considerada economicamente inferior podem ter pouca consideração em relação à vida escolar dos mesmos, pois muitos deles nem sequer conseguiram chegar à escola secundária, e os que conseguiram terminá-la, nem sempre se realizaram plenamente através dos trabalhos aí desenvolvidos, daí então muitas vezes vêem a escola com certa desconfiança e pessimismo. Por suas experiências na escola não terem sido muito positivas, também não esperam muito da escolaridade de seus filhos.

Se bem que possam desejar que os professores imponham uma certa disciplina a seus filhos, obriguem-nos a aprender e lhes dêem conselhos, raramente estes pais comunicam à escola sentimentos de entusiasmo (Liddle, 1964). Dificilmente eles têm em casa um lugar tranqüilo para seus filhos estudarem ou auxiliá-los em suas tarefas escolares. Nestes lares, muitas vezes dorme-se pouco e a alimentação também é restrita, como também é escasso o atendimento médico a miopias, deficiências auditivas, os problemas neurológicos, o que interfere em grande escala na atenção e concentração desses alunos.

Pesquisa realizada por Bravo, no Chile, diz que, em populações de nível econômico baixo, a dinâmica interna afetivo-familiar dá um valor muito baixo ao rendimento escolar, e isto pode ocorrer especialmente se as necessidades econômicas são muito intensas e os pais passam a preocupar-se totalmente em obter recursos para sobreviver. Sendo assim, as preocupações familiares passariam para o segundo plano no que se refere ao progresso escolar de seus filhos.

Adolescentes que vivem no meio operário, muitas vezes pela falta de informações sobre as possibilidades oferecidas e, em última análise, a ausência de ambições acentuadas pelas dificuldades econômicas, limitam seus objetivos futuros; assim, torna-se difícil para eles um objetivo sócio-cultural que não seja incorporado, aos seus olhos, por um adulto que eles conheçam, e é por

esta razão que muitas vezes adolescentes de meios economicamente menos favorecidos procuram logo o ensino técnico porque este está mais próximo para a solução de suas dificuldades de manutenção, ou seja, parecem-lhes possibilitar o encontro mais rápido de um emprego. De outra forma, em lares onde o nível sócio-econômico é mais alto, embora os pais não tenham muito esclarecimento, os jovens encontram um maior interesse por parte desses ao menos no que se refere à conclusão do 2.º grau.

Pesquisa realizada em 1979 (Valdivieso, no Chile) mostra que o número de filhos da família também é uma das variáveis que interferem no rendimento escolar dos adolescentes, de forma que o número de filhos teve uma alta correlação com a repetência. Estas pesquisas concluíram que, entre as famílias menos numerosas em filhos, se produziria um melhor rendimento escolar, e nesta pesquisa o número seria quatro. A referida variável se correlaciona com o nível sócio-econômico no sentido de que quanto maior o número de filhos, menor o nível econômico e vice-versa. Edwards (1970) realizou pesquisa sobre o desempenho acadêmico de adolescentes americanos e também concluiu que quanto menor o número de filhos, melhor a família tinha condições de motivá-los ou de dar-lhes uma ajuda mais concreta nos trabalhos escolares, o que reverteria em melhores resultados no seu desempenho.

O relacionamento intrafamiliar do adolescente tem influência considerada no seu rendimento, pois está em uma fase crucial de sua vida. Neste momento é muito importante a relação entre a personalidade do adolescente, sua família e a escola. Cada ano escolar pede um novo ajustamento que é mais fácil se o indivíduo apresenta aptidões intelectuais e uma forte motivação pessoal ou familiar. O ensino não é somente o que conta na escolaridade do adolescente; o seu aspecto afetivo conta até mais que o aspecto intelectual. A deficiência deste ambiente afetivo é responsável pela inadaptação escolar, pois ele está habitualmente inseguro, inquieto e ansioso, e, por isso, às vezes, sofre inibições na sua inteligência, o que o choca ainda mais emocionalmente.

2. Hipótese

Com base no exposto, foi formulada hipótese de que há uma correlação positiva entre o nível de satisfação familiar e o autoconceito de adolescentes da 1.ª série do 2.º grau.

3. Método

3.1 *Sujeitos.* Serviram como sujeitos da pesquisa 100 adolescentes da 1.ª série do 2.º grau de uma Escola da Rede Estadual, sendo 50 do sexo feminino e 50 do sexo masculino com uma idade variando entre 14 e 16 anos que foram sorteados de uma população total de 970 alunos.

3.2 *Instrumentos*

3.2.1 Uma escala tipo Likert, com 64 itens que representam comportamentos familares com relação ao adolescente, tendo cinco alternativas de escolha cada

item, variando em valores de 1 a 5, cujos escores mais altos representam um nível mais alto de satisfação familiar. Os escores podem variar de 64 a 320.

3.2.2 Foi usado como instrumento para medir autoconceito a escala de Janis-Fields, adaptada por Crano, que consiste de 20 itens, dos quais 10 são fraseados de forma positiva e 10 de forma negativa. Os itens apresentados em formato Likert com cinco opções possíveis de resposta para cada um. Os itens são avaliados em uma escala de 1 a 5 de forma que um escore alto indica um autoconceito mais positivo (os itens fraseados de forma negativa recebem escores inversos). Assim, os escores podem variar desde 20 (baixo) até 100 (alto).

4. Resultados

Os resultados obtidos constam das tabelas 1 e 2.

Tabela 1

Médias e desvios-padrão das variáveis nível de satisfação familiar e autoconceito de meninos e meninas

	Nível de satisfação familiar		Autoconceito	
	M	F	M	F
$\bar{X}$	230,54	195,16	81,7	66,24
Sd	42,99	37,65	10,75	12,24
n	50	50	50	50

Tabela 2

Coeficientes de correlação entre nível de satisfação familiar e autoconceito, para meninos, meninas e grupo total

	Meninos	Meninas	Total
r	0,81*	0,85*	0,83*

* ($p < 0{,}001$).

5. Discussão dos resultados

Os resultados alcançados neste trabalho dão margem a que se comentem vários aspectos relacionados com as relações familiares e o autoconceito que estão

estreitamente ligados ao rendimento escolar de adolescentes da 1.ª série do 2.º grau.

Considerando a hipótese estabelecida, que diz existir uma correlação positiva entre autoconceito e nível de satisfação familiar em adolescentes, cabe salientar que a mesma foi estatisticamente aceita, pelo que nos mostra a sessão anterior onde estão relatados os resultados obtidos na pesquisa.

Pesquisas aé aqui realizadas nos mostram que os pais têm grande influência no rendimento dos filhos, seja por serem pessoas esclarecidas, que valorizam a cultura como um bem de crescimento pessoal, ou porque não a possuem, mas consideram o bem cultural como um elemento importante para a ascensão social e econômica. Este estímulo dado pelos pais é condição necessária para que o adolescente prossiga sua formação buscando melhores resultados acadêmicos. Shaw comparou adolescntes que rendiam e que não rendiam na escola, e concluiu que os pais dos que tinham sucesso investiam de forma específica, desde que os filhos eram pequenos, no desenvolvimento de capacidades de decisão própria, esperando que eles fossem mais independentes desde cedo. Os pais dos alunos que fracassavam preocupavam-se mais em cercear seu crescimento pessoal como que dirigindo sempre suas ações. Morrow e Wilson resumiram alguns estudos sobre o estímulo que dava o relacionamento mais estreito de pais e adolescentes ao rendimento escolar. Acharam que os pais que mostravam mais interesse e compreensão pela vida do filho como tal, pais que estavam mais perto deles, fomentando o apoio da família como elemento para sua identificação, tinham filhos com melhor rendimento escolar que pais mais rigorosos e dominadores, que insistiam em que seus filhos ainda mantinham condições para decidirem alguma coisa em suas vidas.

Respondendo a uma preocupação nossa em ver as implicações do autoconceito para educação, vimos que estas são inúmeras, pois muitas pesquisas encontraram resultados positivos relacionando autoconceito e rendimento escolar, pois se acredita que alunos que têm confiança em si mesmos e em sua capacidade têm mais probabilidade de ter sucesso na escola do que aqueles que se vêem de forma negativa, o que é comprovado nos trabalhos de Brookover e outros.

Autores como Patterson e Thomas fizeram uma relação entre os conceitos que os alunos tinham de seu rendimento escolar com o seu desempenho e o seu QI, obtendo um resultado significativo entre o autoconceito e o desempenho escolar mesmo quando mantinham o QI constante.

Outros estudos foram feitos por Shaw, Edson e Bell, em 1960, estudando as diferenças entre as percepções que os alunos tinham de si próprios quando tinham bom rendimento escolar e quando tinham baixo rendimento escolar, concluindo que estudantes de sexo masculino com bons resultados escolares tinham uma visão mais positiva de si mesmos do que os de baixo rendimento escolar. Por outro lado, também existem estudos feitos por Fink (1962) que concluíram existir uma relação significante entre autoconceito e insucesso escolar, sendo que esta relação foi maior para sujeitos do sexo masculino. O que pode significar que altos escores em autoconceito são mais preditivos de sucesso escolar nos estudantes do sexo masculino do que nos de sexo feminino.

Grande parte dos estudos feitos com estudantes que tiveram fracassos apóia a tese de que estudantes se percebem de maneira negativa em relação aos estudantes que não têm em seu histórico escolar experiências de fracasso.

Goldberg (1960) mostra que alunos que têm desempenho inferior se percebem como menos capazes de concluir suas tarefas e com menos estímulo para aprender, o que nos faz concluir que alunos que fracassam ou que experimentam o insucesso na escola possuem sentimentos negativos a respeito de si mesmos e de suas capacidades.

Com base nas colocações acima e em nossos resultados, vemos que tanto o autoconceito como o nível de satisfação familiar têm uma interferência significativa sobre o desempenho acadêmico do adolescente.

6. Conclusão

Este trabalho analisou a correlação existente entre nível de satisfação familiar e autoconceito em adolescentes da 1.ª série do 2.º grau a partir do interesse que tivemos em discutir esta relação em termos do ajustamento daqueles e seu reflexo em problemas escolares. Isto nos fez concluir que toda tensão familiar e sua conseqüente falta de coesão e de afeto refletem-se na conduta de certos adolescentes, assim como influem no seu trabalho escolar, sobretudo dos mais emotivos. Onde há desentendimento entre pai e mãe, são atingidas as aspirações acadêmicas dos filhos, que manifestam um enfraquecimento de interesse na escola e uma perda de seus interesses gerais; a carência afetiva faz de algum modo desaparecer em alguns adolescentes o desejo de progredir, pois o clima emocional do lar interfere no seu rendimento escolar. Por outro lado, só esta família traz apoio e segurança e, a partir de um ambiente que favoreça tranqüilidade deste adolescente, dará condições para que este se movimente também com segurança para vencer suas dificuldades tanto na escola como nas solicitações que lhe são feitas em outras situações de vida.

Também concluímos, a partir da pesquisa e discussão da mesma, que estudantes com alto autoconceito também têm sucesso, pois este autoconceito está significativamente relacionado ao seu nível de satisfação familiar. Estudantes de sucesso são aqueles que têm uma opinião positiva sobre si mesmos e são otimistas com relação a seu desempenho futuro, tendo confiança em sua capacidade acadêmica em geral.

Abstract

The objective of this study was to investigate the relationship between adolescents' self-concepts and satisfaction with the family. The subjects were 50 boys and 50 girls with ages between 13 and 17 years, all enrolled in the first year of the second level of heigh school, from a public school in Porto Alegre whose students are predominantly from the low middle class. The instruments utilized were the portuguese version of Janis-Field self-concept scale, validated for samples of Porto Alegre and Rio de Janeiro. Satisfaction with the family was assessed by means of a scale developed by the first author. The results revealed high and statistically significant correlations between the two variables (0.81 for boys; 0.85 for girls; and 0.83 for the combined sample. The results are discussed terms of adjustment and its relationships to school problems.

Referências bibliográficas

Abelson, R. *Theories of cognitive consistency*. Chicago, Tand McNally, 1968.

Avancini, Guy. *O insucesso escolar*. Lisboa, Editorial Pórtico, 1972.

Comb, A. *Perceiving, behaving, becoming.* New York, Association for Supervision and Curriculum, 1962.

Edwards, M. P. & Tyler, L. E. Intelligence, creativity and achievement in a monselective public junior high school. *Journal of Educational Psychology,* Washington, 56:96-9, 1970.

Epstein, S. The self-concept revisted: or a theory. *American Psychologist, 28*:404-6, 1973.

Erickson, E. H. *Identidad, juventud y crisis*. Buenos Aires, Paidós, 1968.

Fink, M. B. Self-concept as it relates to academic achievent. *California Journal of Educational Research, 13*:57-62, 1962.

Goldberg, M. L. Studies in unter achievement among the academicably talented. In: Frazier, A., ed. *Freeing capacity to learn*. Washington, D.C., ASCD, NEA, 1960. p. 40-5.

Havighurst, R. J. *Developmental tasks and education*. New York, David McKay, 1951.

Liddle, G. P. & Rockwell, R. E. The role of parents and family life. *Journal of Negro Education,* Washington, 33:311-7, 1964.

Maslow, A. H. *Motivation and personality*. New York, Harper & Row, 1954.

Rankin, P. T. Jr. *The relationship between parent behavior and achievement of inner city elementary school children*. Artigo apresentado à reunião da Associação Americana de Investigação Educativa. New York, 1967.

Rogers, C. R. *Terapia centrada no paciente*. São Paulo, Martins Fortes, 1974.

Rosenberg, M. J. *Ocupations and values.* Glencoe, Illinois, The Free Press, 1957.

Rodio, F. V. *Orientação não-diretiva em educação e psicoterapia*. Petrópolis, Vozes, 1975.

Rulla, L. M. *Psicologia do profundo e vocação: a pessoa*. São Paulo, Paulinas, 1977.

Selden, E. H. *A study of self structure and level of aspiration*. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1960.

Shaw, M. C. et alii. The self concept of bright underchieving high-school students as revealed by an adjective. *Clecklist Personal and Guidance Journal, 39,* 1960.

Valdivieso, L. B. Relación entre diserción y repetencia escolar en alumnos de educación básica. En Estudios e Investigacionales sobre Educación. *Anales de la Escuela Educación,* Santiago, *1*:147-61, 1980.

Wylie, R. G. Some relationship between defensiveness and self-concept. *Journal of Psychology, 25*:600-16, 1975.